



Doi: <https://doi.org/10.4025/cadm.v29i1.48390>

EMPREENDEDORISMO COMO CAMPO POLISSÊMICO: UM CONTRAPONTO AO REDUCIONISMO DO *MAINSTREAM* ECONÔMICO

ENTREPRENEURSHIP AS A POLYSEMIC FIELD: A COUNTERPOINT TO THE ECONOMIC MAINSTREAM'S REDUCTIONISM

Amanda Ferreira GUIMARÃES¹
 Rejane Heloise dos SANTOS²
 Marcia Regina FERREIRA³
 William Antonio BORGES⁴

Recebido em: 18/06/2019
 Aceito em: 10/10/2020

RESUMO

O estudo sobre empreendedorismo, na Administração, tem se concentrado em visões economicistas. No entanto, outras abordagens fazem do empreendedorismo um campo polissêmico e multidisciplinar. O objetivo do presente trabalho consiste em promover uma discussão polissêmica, como contraponto ao reducionismo econômico, tendo como base o campo da Administração. Para tanto, por meio de uma abordagem qualitativa, a discussão mobiliza a interação entre o empreendedorismo e o sujeito empreendedor, os quais, em diálogo, qualificam e iluminam críticas às visões economicistas no âmbito do empreendedorismo. Os resultados apontam que apenas o ferramental técnico-científico não é suficiente para formar empreendedores ou desenvolver a ação empreendedora. São necessários esforços para uma educação filosófica, compreendendo o campo como um locus polissêmico, destacando a pertinência em se reconhecer o empreendedorismo como um fenômeno a ser pesquisado e discutido de forma mais ampla. Conclui-se que falar de empreendedorismo sob as lentes de apenas uma das perspectivas teóricas consiste em reducionismo, pois trata-se de um campo polissêmico, em constante construção.

Palavras-Chave: Empreendedorismo. Campo Polissêmico. Reducionismo Econômico.

¹ Universidade Estadual de Maringá.

² Universidade Estadual de Maringá.

³ Universidade Federal do Paraná.

⁴ Universidade Estadual de Maringá.

ABSTRACT

The study on entrepreneurship, in Administration, has focused on economist views. However, other approaches make entrepreneurship a polysemic and multidisciplinary field. The aim of this paper is to promote a polysemic discussion, as a counterpoint to economic reductionism, based on the field of Administration. For this purpose, through a qualitative approach, the discussion mobilizes the interaction between entrepreneurship and the entrepreneur, which, in dialogue, qualify and illuminate criticisms of economic views in the scope of entrepreneurship. The results show that the technical-scientific tooling alone is not enough to train entrepreneurs or develop entrepreneurial action. Efforts are needed for a philosophical education, understanding the field as a polysemic locus, highlighting the pertinence in recognizing entrepreneurship as a phenomenon to be researched and discussed more widely. It is concluded that talking about entrepreneurship under the lens of only one of the theoretical perspectives consists of reductionism, since it is a polysemic field, in constant construction.

Keywords: Entrepreneurship. Polysemic field. Economic reductionism.

1 INTRODUÇÃO

O tema “empreendedorismo”, de acordo com Fletcher (2006), é um campo de investigação que tem relevância e significado para uma ampla gama de grupo de interesses (jornais, produtores de televisão, universidades, estudantes, pesquisadores, editores, gerentes corporativos), porém ainda carece de desenvolvimento teórico (FLETCHER, 2006). O tema tem sido tratado há mais de três décadas (FERREIRA et al., 2014; FERREIRA; PINTO; MIRANDA, 2015), tanto sob a perspectiva acadêmica quanto empresarial, por organizações públicas, governamentais e de fomento. Apesar de se perceber a existência de uma multidisciplinaridade nas pesquisas no campo da Administração, as teorias que prevalecem como base para discorrer o tema são aquelas que tratam o empreendedorismo a partir de uma abordagem econômica sobre o desenvolvimento (FERREIRA et al., 2014).

Análises bibliométricas (BUSENITZ et al., 2003; BORBA et al., 2011; FERREIRA et al., 2014; FERREIRA; PINTO; MIRANDA, 2015) que investigaram a trajetória das pesquisas sobre o tema, concluíram que esse tem sido tratado sob uma perspectiva Norte Americana (FERREIRA; PINTO; MIRANDA, 2015). Estudos anteriores também consideraram que a perspectiva dominante no campo tem sido invariavelmente economicista (BUSENITZ et al., 2003; BORBA et al., 2011; FERREIRA et al., 2014; PACKARD, 2017), demonstrando que o objetivo do empreendedorismo tem se concentrado em problemas como a criação de valor, desempenho, análises de ambiente interno, externo, o processo empreendedor, e a busca pela caracterização desse empreendedor (BUSENITZ et al., 2003; BORBA et al., 2011; FERREIRA et al., 2014).

Quando se aborda o tema pelo campo da sociologia, segundo Boltanski e Chiapello (2001), encontra-se o prevalecer de uma perspectiva crítica, uma leitura sobre o empreendedorismo como uma ideologia do capitalismo contemporâneo, o qual surge na tentativa de garantir a adesão e a legitimidade às atividades antes não valorizadas na sociedade industrial. Segundo os referidos autores, na nova fase do capitalismo, não existe espaço para segurança ou carreira no trabalho, trata-se, pelo contrário, de buscar por meio da criatividade a criação de espaços de inclusão diante da exclusão promovida pela exploração capitalista.

Entre as definições do que se trata o tema empreendedorismo, destacam-se, além da visão econômica clássica pautada em Schumpeter (1934), as perspectivas do empreendedorismo regional, a Teoria Ator-Rede, interpretativista, performativa e construcionista social. O empreendedorismo regional, ainda que a partir da perspectiva econômica, avança no campo considerando a busca pelo desenvolvimento regional. A Teoria Ator-Rede, alicerçada em Sarasvathy (2008), avança no tema considerando o empreendedor não como um ator individual no empreender, mas um ser relacional que atua em redes de relacionamentos (TONELLI; BRITO; ZAMBALDE, 2011).

As perspectivas interpretativista, performativa e construcionista social desenvolvem o campo a partir de olhares alternativos ao modelo econômico. As visões interpretativistas e performativas consideram o empreendedorismo como um processo. O primeiro considera a intencionalidade do indivíduo empreendedor (PACKARD, 2017), e o segundo assume os diferentes atores no processo empreendedor (GARUD; GEHMAN; GIULIANI, 2018). Finalmente, a perspectiva do construcionista social chama atenção para as construções mentais dos empreendedores (FLETCHER, 2006; DOWNING, 2005).

No Brasil, pesquisadores como Borges, Lima e Brito (2017), buscando avançar no campo de estudo do empreendedorismo, debruçaram sobre os aspectos ontológicos, conceituais e epistemológicos sobre empreendedorismo e o agente empreendedor. Para os autores há diversas abordagens sobre o empreendedorismo (psicológica, econômica, processual e organizacional), em que se destacam as investigações na direção dos aspectos vinculados às abordagens processuais e organizacionais.

As dimensões epistemológicas da pesquisa em empreendedorismo também foram pesquisadas por Macedo e Boava (2008), em que defendem que o empreendedorismo tem sido investigado sob os paradigmas positivista ou interpretativista. Com relação ao paradigma positivista, os autores apontam que os estudos são de cunho economista e comportamentalista. Para o paradigma interpretativista, o estudo se concentra no fenômeno e o agente empreendedor. O paradigma interpretativo, em outras palavras, estuda o sujeito a partir de circunstâncias internas influenciando percepções da realidade (MACEDO; BOAVA, 2008).

Para Borges, Lima e Brito (2017), as diferentes concepções acerca do empreendedorismo, como a do construcionismo social, podem promover um diálogo e conduzir a investigação no campo para um novo patamar. Apontam que essa discussão conduz as reflexões à um patamar diferente, integrando aspectos teóricos, ontológicos e epistemológicos, levando à construção de novos caminhos para o avanço das pesquisas sobre empreendedorismo.

Reconhece-se uma pluralidade de interpretações sobre o que se trata o campo dos estudos de empreendedorismo, caracterizando-o como um campo polissêmico. Neste artigo, a compreensão do empreendedorismo como fenômeno e como um campo polissêmico envolverá o diálogo entre as categorias do empreendedorismo e o sujeito empreendedor, o qual poderá contribuir para avançar nessa temática. A escolha dessas duas categorias pauta-se no entendimento de que não há empreendedorismo sem indivíduo empreendedor que promove a ação, sendo o empreendedorismo investigado a partir de sua natureza social visando contemplar uma visão ampliada do fenômeno.

No entanto, no campo das Ciências Sociais Aplicadas, mais especificamente o da Administração, os estudos sobre empreendedorismo têm crescido exponencialmente, com predominância da perspectiva econômica (FERREIRA et al., 2014), que apontam para uma abordagem reducionista. Nesse sentido, o presente artigo aborda uma discussão polissêmica, mobilizando diferentes artigos que reforcem (FILION, 1993; FILION; LIMA, 2010) e

desconstroem (BOAVA; MACEDO, 2006, 2009, 2011; MACEDO; BOAVA, 2008; BORGES; LIMA; BRITO, 2017) o reducionismo econômico, por utilizarem uma abordagem filosófica.

Sendo assim, o presente estudo, de natureza qualitativa, apresenta uma provocação ao campo do empreendedorismo, como um convite à perspectiva polissêmica, envolvendo as categorias do empreendedorismo e o sujeito empreendedor, concebendo-se como contraponto ao *mainstream* econômico e seu reducionismo, tendo como base referências do campo da Administração.

O trabalho está organizado em cinco seções. Depois dessa introdução, a seção dois apresenta uma revisão da literatura sobre o tema. A seção três ilustra os indicativos metodológicos que guiaram a construção do trabalho. A seção quatro expõe a análise e discussão dos resultados. E, por fim, a seção cinco versa sobre as considerações finais, que trata o empreendedorismo em uma perspectiva polissêmica, em processo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O tema empreendedorismo vem sendo desenvolvido por diferentes lentes teóricas, tais como a economicista, interpretativista e construcionista social. Economicamente, Schumpeter (1934) define o empreendedor como o responsável por realizar inovações, pelas destruições criadoras. A realização de inovações pelo empreendedor é, segundo o autor, o cerne do desenvolvimento econômico, este entendido como um movimento instaurado por novas tecnologias, enquanto rupturas em decorrência de novas práticas sociais e produtivas (SCHUMPETER, 1934). De forma complementar, Shane e Venkataraman (2000) apontam o empreendedorismo como fruto do encontro entre o empreendedor e as oportunidades. Nessa perspectiva, o empreendedor é aquele capaz de identificar, avaliar e explorar oportunidades (MACHADO et al., 2000).

Uma outra perspectiva, de influência economicista, é apresentada por Julien (2010), trata-se de uma discussão complementar do empreendedorismo sob a ótica do desenvolvimento local. Para Julien (2010), o empreendedorismo pode ser aplicado de maneira diferente de acordo com o tipo de economia e o território. Nessa perspectiva, observa-se a uma preocupação que se volta à gestão do desenvolvimento local, para os mais diversos territórios, tais como os grandes centros urbanos, o empreendedorismo rural e a agricultura familiar, o mercado informal (de subsistência) e a gestão em empresas familiares que impactam na econômica local.

O empreendedorismo regional tem instigado o pensamento sobre as técnicas e atitudes empreendedoras e o modo como estas se relacionam com contextos diversos, particularmente em um momento de mudanças econômicas em que a sociedade debate alternativas para alcançar e manter posições estáveis diante da competitividade global (JULIEN, 2010). Segundo o autor, para compreender as diferentes peculiaridades do empreendedor não podemos abstrair somente sua história, mas também a organização e o ambiente. Uma vez que não se nasce empreendedor, torna-se um, pois o indivíduo desenvolve traços gradualmente por estar enraizado ou imerso no meio onde se retira vantagens que o auxiliaram a construir uma cultura empreendedora. Machado (2014) aponta a visão de Julien (2010) como uma perspectiva contemporânea de estudos, que em conjunto com a abordagem de Sarasvathy (2008) apresentam o empreendedor como um ser relacional que atua em networks e redes relacionais.

No mesmo sentido, um direcionamento teórico que objetiva suplantear a visão dualista em empreendedorismo, de agência e estrutura, diz respeito à Teoria Ator-Rede (TAR). Essa teoria “procura compreender como elementos heterogêneos se juntam e passam a atuar por meio de redes, configurando as dinâmicas coletivas” (TONELLI; BRITO; ZAMBALDE, 2011, p. 592). Tonelli, Brito e Zambalde (2011) esclarecem que a TAR se recusa a aceitar que fenômenos coletivos complexos como o empreendedorismo possam configurar-se em metáforas

dicotômicas, sendo que a própria expressão “ator-rede” significa a impossibilidade de o ator existir fora da rede, que cria na interação com outros elementos humanos e não humanos, dentro dessa rede, a identidade que lhes provê motivações e recursos (TONELLI; BRITO; ZAMBALDE, 2011).

O campo de estudos do empreendedorismo tem avançado para ir além da dimensão econômica ou comportamental. Os estudos de empreendedorismo regional, vem abordando sobre o fenômeno e sobre o meio territorial em que se encontra o indivíduo empreendedor, assim com a TAR ao abordar as relações e as dinâmicas coletivas. Enquanto nessas abordagens o indivíduo empreendedor é um ser relacional, há abordagens que consideram o empreendedor como um ser existencial, o qual se debruçam nos arcabouços da filosofia que rompem a abordagem positivista.

Com relação ao fenômeno empreendedorismo, Boava e Macedo (2006) afirmam existem tantas definições quanto autores tecendo estudos a respeito, acarretando a ausência de uma definição conceitual precisa. Esses desencontros, de acordo com os autores, ocorrem porque a disciplina encontra-se em uma fase pré-paradigmática, na qual estudiosos despendem esforços para a construção de um paradigma orientador (BOAVA; MACEDO, 2006).

Boava e Macedo (2006, 2011) e Macedo e Boava (2008) buscaram refletir sobre a construção e interpretação do empreendedor, a partir de dois ramos da filosofia, a fenomenologia e a hermenêutica. Destacam o viés de matriz ideológica do economicismo que esse campo de estudo possui, o qual pratica um reducionismo ao não se debruçar na integração de saberes de diferentes ramos. Asseveram que o empreendedorismo sozinho não existe, citando que essa área de estudo não busca a transdisciplinaridade, mas sim uma endogenia, que impede um avanço aprofundado do tema.

Para os autores, o empreendedorismo constitui-se algo próprio do ser humano, ou seja, onde houver ser humano e sociedade haverá atividades empreendedoras, independentemente da natureza de tais atividades (econômica, sociais, culturais, rurais, esportivas, acadêmicas e políticas). Em outras palavras, o empreendedorismo existe pela existência de quem pratica a ação. Assim, o empreendedor é um construtor de seu mundo, e que por meio dele faz engajar e atuar de forma a desvelar sua concretude (BOAVA; MACEDO, 2006, 2011; MACEDO; BOAVA, 2008).

Desta forma, observa-se que para compreender a ação, será necessário uma perspectiva de pesquisa que oportunize ver a realidade como construção social, a partir de paradigmas que possam compreender esse fenômeno por meio de história de vida, consciência e relações sociais do ser empreendedor (MACEDO; BOAVA, 2008).

Embora o campo de pesquisa sobre o tema empreendedorismo não seja considerado recente (FERREIRA et al., 2014), diversos autores apresentam que o mesmo se encontra em estágio inicial na busca de um *corpus* teórico consolidado (MACHADO et al., 2013; FERREIRA et al., 2014). Então, responder à indagação: “O que é empreendedorismo” não é uma tarefa simples, pois há uma pluralidade na agenda de pesquisa sobre o tema, marcando o tema pela multidisciplinaridade (BORBA et al., 2011; FERREIRA et al., 2014).

No Brasil, um estudo encarregado de levantar a produção de conhecimento em empreendedorismo, no campo da Administração, foi desenvolvido por Borba et al. (2011). Assim como Ferreira et al. (2014), Borba et al. (2011), em “A produção científica em empreendedorismo: análise do *Academy os Management Meeting*: 1954-2005”, encontraram que as pesquisas no campo estão em ascensão, com avanços relacionados às áreas de psicologia e sociologia. Todavia, apesar desses avanços, predominam objetivos economicistas.

Assim, de acordo com Borba et al. (2011), o campo de estudos em empreendedorismo compreende temas variados, como história do empreendedorismo; psicologia do empreendedorismo; sociologia do empreendedorismo; desenvolvimento econômico e empreendedorismo; educação do empreendedorismo; metodologia de *startup*; capital de risco; administração de pequenos negócios; empreendedorismo corporativo e empreendedorismo e inovação. Ademais, Borba et al. (2011) reconheceram, ao longo dos anos, uma mudança de interesse que migrou do comportamento empreendedor, para a ação e contexto do processo de empreender.

Essa multiplicidade de perspectivas, evidenciada nos estudos da produção sobre o tema, ocorre, segundo Boava e Macedo (2006), devido ao caráter inter, multi e transdisciplinar do empreendedorismo. Ainda que o trabalho de Borba et al. (2011) seja um trabalho que se propõe entender a agenda de pesquisa sobre empreendedorismos, ele se atenta a uma abordagem economicista, pois foca nos trabalhos do maior e mais antigo evento sobre empreendedorismo, o *Academy of Management Meeting (AOM – Meeting)*. Ao escolher esse evento, os autores deixam de abarcar outros conteúdos e trabalhos sobre empreendedorismo, publicados em outras áreas, além da administração, deixando claro que sua percepção sobre o tema está ligada às organizações e a área econômica, deixando de lado, por exemplo, o que a psicologia e/ou a sociologia tem a dizer.

Packard (2017) assevera que os estudos sobre o empreendedorismo a partir do olhar funcionalista são, nas palavras do autor, “infrutíferas” para abarcar todos os tipos de empreendedorismo. Como forma de avançar nessa discussão, esse autor apresenta uma visão interpretativista para o estudo do empreendedorismo, em que leva em consideração a intencionalidade do indivíduo e o conhecimento endógeno e não apenas a causalidade, como é tido nas visões economicistas. Para o autor, é um processo contínuo que considera o “tornar-se”, em detrimento ao “ser” (PACKARD, 2017).

Também considerando o empreendedorismo como um processo, Garud, Gehman e Giuliani (2018) enaltecem a abordagem interpretativista de Packard (2017), como alternativa ao viés funcionalista dos estudos no campo, propondo uma visão performativa do empreendedorismo. Nessa perspectiva, que é relacional, as entidades sociais e materiais são reconfiguradas nas palavras e ações dos múltiplos atores (por exemplo, empreendedores, reguladores), e suas diferentes preocupações. Esse processo dialético traz mudanças transformacionais nas identidades dos atores e nas funcionalidade dos materiais que se enredam (GARUD; GEHMAN; GIULIANI, 2018).

Buscando ampliar a discussão, Fletcher (2006) critica a visão dualista encontrada na literatura sobre empreendedorismo (geralmente subjetivista ou objetivista, realista ou não-realista), situada em paradigmas que caracterizam os pressupostos específicos sobre a realidade social (estruturalista ou humanista radical, interpretativista ou funcionalista) fundamentadas por Burrell e Morgan (1979), promovendo dualismo e polaridade, ao invés de entendimentos inter-relacionados de como as coisas são no mundo. Para Fletcher (2006), a vertente do construcionismo social é a mais adequada ao estudo do empreendedorismo, uma vez que está mais preocupada com os sistemas de representação (linguagem, conceitos, imagens, objetos, processos sociais, processos relacionais) que são produzidos para explicar a dualidade da estrutura, além da consideração do conjunto das relações humanas e seu contexto social, ao invés do espaço privado de indivíduos particulares.

Fletcher (2006) aponta como preocupações do construtivismo social, o modo como os indivíduos constroem mentalmente seus mundos, com categorias fornecidas pelo relacionamento social. Logo, o principal interesse é individual (processamento cognitivo), mas também se analisam as práticas ou normas socioculturais que moldam isso. Nos estudos sobre

empreendedorismo, as análises construcionistas sociais preocupam-se com a forma como os processos cognitivos são mediados por meio da situação social e práticas culturais ou discursivas, permitindo comportamentos e oportunidades empreendedoras, buscando examinar a interação entre agência e estrutura.

No mesmo sentido, Downing (2005) afirma que o desenvolvimento de uma perspectiva construcionista social possui objetivo de melhorar a compreensão das interações entre empreendedores e partes interessadas. Os pesquisadores do construcionismo social procuram descobrir e explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou concebem o mundo em que elas vivem, incluindo a si mesmas (BORGES et al., 2016). Borges (2017) afirma que o construcionismo social consiste em uma das possibilidades dentre as abordagens filosóficas críticas às concepções realistas e positivistas-funcionalistas para o estudo do empreendedorismo.

Borges, Lima e Brito (2017) destacam que o estudo do empreendedorismo a partir do construcionismo social oportuniza o entendimento de que o processo empreendedor é um processo acumulativo de construção social, marcado pela subjetividade de quem empreende. Para os autores, o construcionismo social, assim como as concepções crítico-realistas, oportunizam diálogos a partir de diferentes concepções, os quais possibilitam a geração de novas teorias, novas estratégias de investigação e novas formas de abordar o campo do empreendedorismo.

Para Gil e Silva (2015) é importante o papel reservado à Ciência da Administração. Para os autores, a esta área lhe cabe não apenas proporcionar elementos para promover o aprendizado do empreendedorismo, mas de desenvolver métodos e técnicas adequados para realizar pesquisas empíricas. O empreendedorismo como campo do conhecimento encontra-se em formação, passando a ter visibilidade no Brasil. Nesse sentido, destacam que há espaço para estudos que considerem a ação empreendedora sob o ponto de vista do próprio empreendedor.

Dada lacunas na construção do conhecimento sobre o que é empreendedorismo, a próxima seção apresenta os indicativos metodológicos, seguido pela discussão, como foco na necessidade do entendimento do empreendedorismo partindo de uma abordagem positivista, para uma abordagem analítica interpretativa. Acredita-se que este diálogo possibilita a desconstrução do reducionismo existente nesse campo de saber.

3 INDICATIVOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho consiste em promover uma discussão polissêmica como um contraponto ao reducionismo econômico, tendo como base o campo da Administração. A pesquisa se constitui a partir de uma abordagem qualitativa do tipo descritiva (GODOY, 1995; LARA; MOLINA, 2011). Para alcançar o objetivo proposto, promoveu-se uma discussão crítica construída a partir de uma revisão bibliográfica que, segundo Lima e Mioto (2007), tem o intuito de fundamentar teoricamente um objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos, além de ser capaz de gerar, especialmente, em temas pouco explorados, a postulação de proposições ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas. Trata-se de uma abordagem que legitima o empreendedorismo como um “conceito” em processo.

Considerando que a proposta deste trabalho se estabelece como uma discussão sobre um tema específico, buscou-se em um primeiro momento mostrar a diversidade de olhares teóricos sobre empreendedorismo. Para tanto, realizou-se uma análise a partir de duas categorias: o empreendedorismo e o indivíduo empreendedor, considerando em especial as publicações de Filion (1993), Boava; Macedo, (2006, 2009, 2011), Macedo; Boava (2008) e Filion; Lima

(2010); Borges; Lima; Brito (2017). A partir da análise desses trabalhos, busca-se discutir o empreendedorismo como fenômeno e como campo polissêmico, a fim de romper o reducionismo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os estudos sobre empreendedorismo são caracterizados por pluralidade e multidisciplinaridade (BORBA et al., 2011), passando pelas lentes da economia (SCHUMPETER, 1997), envolvendo o empreendedorismo regional (JULIEN, 2010) e a Teoria do Ator-Rede (TONELLI; BRITO; ZAMBALDI, 2011), do interpretativismo a partir do empreendedorismo como processo (PACKARD, 2017; GARUD; GEHMAN; GIULIANI, 2018) e do construcionismo social (DOWNING, 2005; FLETCHER, 2006). Alinhado às diferentes propostas para contribuir com os avanços no campo do empreendedorismo, o presente trabalho propõe um contraponto ao reducionismo econômico, a partir de um diálogo sobre empreendedorismo envolvendo a categoria do ser humano que empreende e a categoria da pesquisa em empreendedorismo no campo da administração, a partir de uma abordagem filosófica.

Entre os estudos explorados, Filion (1993) desenvolve um trabalho com objetivo de fornecer contribuições para o pensamento estratégico do empreendedor e suas ações, apresentando um metamodelo sistêmico do pensamento e da ação dos empreendedores. O intuito consiste em propiciar contribuições para que o empreendedor, a partir do desenvolvimento de visões, possa colocar em prática aquilo que se sonha, ou seja, fazer acontecer aquilo que ele projeta para o futuro (FILION, 1993).

O metamodelo proposto por Filion (1993) concebe que o pensar, em termos de uma visão, dota o empreendedor de um esquema de aprendizado capaz de lhe dar uma estrutura de referência, que o auxilie a melhor articular seu desenvolvimento. Para o autor, o sistema de relações construído, de modo a dar suporte à sua visão, é o que explica o sucesso do empreendedor (FILION, 1993). Nesse sentido, Filion (1993) argumenta que o treinamento empresarial para a atividade empreendedora deve capacitar para: imaginar e identificar visões, estabelecer sonhos realistas, desenvolver habilidades de comunicação e relacionamentos interpessoais positivos, além de desenvolver características pessoais diferenciadas.

Contudo, o conceito de empreendedorismo que embasa o trabalho de Filion (1993) volta-se também para uma perspectiva economicista do termo empreendedorismo. Tal perspectiva perpassa todo o trabalho, isso se verifica já na escolha dos agentes entrevistados, delimitando-a aos empresários que mantêm a lucratividade e o crescimento de sua empresa e sejam inovadores. De forma geral, o trabalho preocupa-se em delimitar a ação empreendedora necessária para se obter o sucesso e elabora um metamodelo para o processo de pensar. Nesse momento, aflora uma inquietante interrogação: quais os problemas associados ao desenvolvimento de metamodelos, levando em conta as diferenças de cada país, de cada sociedade, de cada indivíduo?

Filion e Lima (2010), por sua vez, ampliam o modelo proposto por Filion (1993) ao desenvolverem o conceito de representações empreendedoras. Para os autores, o processo empreendedor é essencialmente interativo, em que o ator empreendedor se liga a outras pessoas para estruturar e realizar seu processo empreendedor. Nesse estudo, o conceito de visão e pensamento projetivo envolve a visão individual e a visão compartilhada por indivíduos empreendedores, que se formam a partir das interações destes com diferentes pessoas (FILION; LIMA, 2010).

Na visão compartilhada por uma equipe empreendedora, é central o processo de conversa estratégica. Nesse tipo de interação, as representações empreendedoras de cada um dos

membros da equipe possuem papel central (FILION; LIMA, 2010). Para os autores, esse processo consiste “[...] no estabelecimento de um conjunto de atividades essencialmente interativo, em progressão constante” (FILION; LIMA, 2010, p. 34), e é caracterizado como relacional e intersubjetivo. Para tanto, os autores exploram o “conceito de si” e o “espaço de si”. O “conceito de si”, na visão de Filion e Lima, consiste na maneira pela qual uma pessoa se percebe. Trata-se da estima que tem por si mesma, de um entendimento de suas capacidades e de seu saber ser e sobre o tornar-se, seu processo de formação da visão. O “espaço de si”, por sua vez, concerne no lugar da pessoa, espaço psicológico individual formado em função da história, classe social, características sociológicas, nível de desenvolvimento, contexto, configuração espacial e sistêmica, que engloba o “conceito de si”, implicando na distância psicológica que nos separa e nos liga aos outros (FILION; LIMA, 2010).

De modo geral, o “conceito de si” está associado ao modo pelo qual uma pessoa se percebe e quais são as suas capacidades. A partir desse conceito de si, pode vir a vislumbrar as visões e a aprendizagem demandada para colocá-las em ação. Esse conceito permite que as intenções do indivíduo sejam definidas e, portanto, sejam estruturadas em forma de uma visão (FILION; LIMA, 2010). O “espaço de si”, composto pelas características do contexto, no qual os atos estão inseridos, influencia as possibilidades de “conceito de si”.

Por um lado, Filion e Lima (2010) ressaltam que o processo empreendedor é importante não só para melhorar o desempenho das organizações de uma perspectiva econômica, mas também para promover a realização das pessoas que as sustentam. Assim, segundo os autores:

Devemos permanecer vigilantes para que o empreendedorismo ofereça perspectivas de realização tanto de si, para o ator empreendedor, quanto do outro, para seus colaboradores. Todo sistema que pode ser visto como empreendedor deveria permitir, em uma perspectiva humanista, a manifestação do potencial empreendedor das pessoas que nele estão inseridas (FILION; LIMA, 2010, p. 50).

Esse conceito de representações empreendedoras, trabalhado por Filion e Lima (2010), traz à tona uma questão importante, ausente nos trabalhos analisados anteriormente, embasados em perspectivas economicistas de empreendedorismo, qual seja: a questão do outro. Os autores tocam na questão do poder nos sistemas sociais, em que as pessoas que o detém (os empreendedores, por assim dizer) irão definir os espaços dos outros. Assim, apoiado em Filion e Lima (2010), se essa concessão de espaço for restrita, resultará em culturas organizacionais pouco empreendedoras e um crescimento lento e limitado da empresa.

Por outro lado, verifica-se que ainda que os autores toquem nessa importante questão, a perspectiva que embasa o seu conceito de empreendedorismo ainda é a economicista. A questão do poder é tratada levando-se em conta apenas o crescimento (ou não) da empresa, deixando de lado o efeito que uma atitude restritiva de um superior ou uma organização restritiva pode causar ao “espaço de si” dos seus subordinados.

Nessa perspectiva, das representações empreendedoras, proposta por Filion e Lima (2010), cabe questionar e refletir sobre até que ponto os autores estão preocupados com o efeito negativo de uma organização restritiva ao “espaço de si” e, conseqüentemente, ao “conceito de si”, suas projeções, planos, possíveis realizações futuras. Do mesmo modo, cabe a reflexão sobre como o ser humano é tratado sob essa perspectiva: uma ferramenta dotada de capacidades e que, ao longo das representações e interações com o empreendedor, irão lhe auxiliar a alcançar a visão da empresa e do empreendedor, deixando de lado as suas próprias, ou na ilusão de que aquelas visões da organização também são suas visões.

Uma perspectiva de empreendedorismo um pouco diferente, que critica a ideologia capitalista e a perspectiva economicista, é encontrada nos trabalhos de Boava e Macedo (2006, 2009, 2011) e Macedo e Boava (2008). Boava e Macedo (2006), reconhecendo a capacidade de transformação que o empreendedorismo tem, de promover mudanças sociais, políticas, culturais, econômicas e psicológicas, e a vertente pela qual o fenômeno tem sido abordado (economicista), propõem um estudo pela perspectiva fenomenológica, com o intuito de esclarecer qual a verdadeira essência do empreendedorismo.

Para Boava e Macedo (2006), a predominância da fase economicista em empreendedorismo ocorre devido aos interesses por parte do governo e sociedade em fomentar sua pesquisa. Segundo os autores, o problema está em considerar o empreendedorismo e o empreendedor como “objetos” da Economia ou da Administração, uma vez que essa é uma temática própria do homem. Boava e Macedo (2011) atestam que o que acontece com o empreendedorismo é um esquecimento, no sentido de estudar algo a partir dos seus efeitos, não de suas causas. Assim, a causa do empreendedorismo é o homem, não apenas o resultado de sua ação empreendedora. Nesse sentido, não há empreendedorismo sem a ação humana.

Macedo e Boava (2008) apontam que a distorção na compreensão sobre o tema pode estar relacionada com a epistemologia do empreendedorismo que vem sendo construída por economistas e comportamentalistas, ambos, orientados pelo paradigma positivista (MACEDO; BOAVA, 2008). Desse modo, há uma problemática polissêmica intrínseca ao empreendedorismo, pois há uma variedade associada ao termo empreendedorismo para cada área de atuação, como a economia, a administração, o serviço social ou a psicologia. Apesar dessa variedade, os autores destacam que ao se concentrar apenas nos aspectos habitualmente estudados, a ciência não responde a pergunta o que é empreendedorismo, pois não consegue problematizar a partir de si mesma (BOAVA; MACEDO, 2011).

Em consenso com Boava e Macedo (2006), há uma série de perspectivas que permite que aos estudiosos investigar o fenômeno (DOWNING, 2005; FLETCHER, 2006; PACKARD, 2017; GARUD; GEHMAN; GIULIANI, 2018). Porém, chama a atenção para o cuidado de versar o empreendedorismo sob um aspecto ontológico (a essência do fenômeno) e não apenas o ôntico (o superficial) (BOAVA; MACEDO, 2006), como tem se realizado pelas pesquisas de vieses economicistas.

Segundo os autores, com o surgimento do existencialismo, a tendência funcionalista-positivista dos estudos sobre o empreendedorismo mudou. Trata-se de centralizar o homem na discussão e sua intencionalidade da consciência. O homem, nesse sentido, é visto como livre para fazer escolhas (BOAVA; MACEDO, 2006). Em uma perspectiva existencialista, não há determinismos, não há determinantes externos, causalidades (BOAVA; MACEDO, 2006). Para os autores, sendo a essência do empreendedorismo a liberdade, “a decisão de empreender é, nesse sentido, uma manifestação da vontade” (BOAVA; MACEDO, 2006, p. 13). Ainda, é nessa manifestação da vontade, ou seja, no ato de empreender que o empreendedor vislumbra o propósito de mudança que deseja. Por isso, não há destino e sim uma realidade que é construída a partir do indivíduo (BOAVA; MACEDO, 2006).

Os autores comparam o conceito de empreendedorismo que é estruturado por uma visão economicista (que concebe o indivíduo como aquele inserido em um ambiente determinista que limita suas opções de escolha) com a interpretação fenomenológica, na qual o empreendedorismo é o conjunto das atividades que proporcionam ao empreendedor plena liberdade. Segundo os autores, o homem vive angustiado por não se realizar, não ser livre e é essa angústia, proveniente da ausência da liberdade, que permite a tomada de consciência para uma ruptura com aquilo que lhe dá segurança e estabilidade. E, assim, ocorre uma transformação de um estado de dependência em relação aos fatores externos (determinismo)

para a possibilidade de um indivíduo com capacidade de ação. Ademais, o empreendedor não é somente aquele que está inserido em um contexto administrativo-econômico, mas todo aquele que é livre e que, portanto, empreende (BOAVA; MACEDO, 2006).

A partir da perspectiva da liberdade como essência do empreendedorismo, Boava e Macedo (2009), buscando um avanço para uma teoria do empreendedorismo, propõem uma teoria tridimensional do empreendedorismo que considera a “ação”, o “valor” e a “finalidade” como suas bases. A primeira, ação, seria a força motriz do empreendedorismo, que faz o empreendedor agir, gerando consequências sociais, econômicas e culturais. A segunda, o valor, constitui o dever ser, o horizonte que o empreendedor enxerga para atingir sua finalidade que, por sua vez, consiste no terceiro objetivo (BOAVA; MACEDO, 2009).

A proposta dos autores é de integração, para que a atividade empreendedora possa ser vista de maneira conjunta. Os três elementos integrados possibilitam uma compreensão da ação empreendedora em diferentes campos, o que torna necessário que os próximos estudos não considerem a existência do empreendedorismo “sozinho” ou de maneira isolada. Boava e Macedo (2011) defendem as investigações de caráter integrador como uma solução para o paradigma econômico e ideologias vigentes nos estudos sobre o tema, propondo-se novos elementos de análise para possibilitar à ciência melhor compreensão da temática.

Logo, para os autores, a ação é a força motriz que impulsiona o empreendedor em sua ação, e “[...] a liberdade é a essência do empreendedorismo, além de ser seu maior valor, devido ao fato de que o valor representa um Dever Ser. Logo, a essência do empreendedorismo é o valor. E o maior valor é a liberdade” (BOAVA; MACEDO, 2011, p. 12). Boava e Macedo (2006) asseveram que o indivíduo que não possui liberdade é um sujeito alienado, pois, a ausência dessa liberdade gera um sujeito incapaz de dar sentido à sua própria existência. Nesse sentido, Ramos (1983, p. 61) argumenta que “os indivíduos alienados se encontram excluídos, privados de meios de decisão, e, assim, não podem determinar o curso dos acontecimentos conforme desejam”. O meio pelo qual essa alienação pode ser dirimida é pela racionalidade substancial em que todo ato baseia-se em um conhecimento claro e autônomo, ou seja, é um ato que atesta a transcendência do ser humano e o coloca como um sujeito com uma qualidade de agir dotado de razão, resguardando sua liberdade (RAMOS, 1983). Ou seja, é a transcendência, a intencionalidade da consciência, por meio da potencial autonomia de romper com aquilo que lhe é dado (com característica de estável e seguro), que permite ao indivíduo uma racionalidade substancial. É essa racionalidade que promove a liberdade de ação, possibilitando um sujeito empreendedor e desalienado capaz de construir sua própria realidade e futuro (RAMOS, 1983; BOAVA; MACEDO, 2006)

O Quadro 1 sintetiza as definições de empreendedorismo e do empreendedor encontradas nos trabalhos analisados.

Quadro 1 – Sínteses sobre as definições empreendedorismo e empreendedor

Empreendedorismo	
Filion (1993)	Processo pelo qual o empreendedor, a partir dos quatro elementos que constituem a visão (<i>weltanschauung</i> , energia, liderança, relações), coloca em prática o que almeja.
Filion e Lima (2010)	Processo interativo, relacional e intersubjetivo, pelo qual, a partir do “conceito de si” e do “espaço e si”, coloca em prática aquilo que almeja.
Boava e Macedo (2006)	Manifestação da vontade do indivíduo.

Boava e Macedo (2009, 2011)	Processo tridimensional em que a ação é a força motriz que impulsiona o empreendedor, o valor é o horizonte almejado, e a finalidade o objetivo. Empreendedorismo como liberdade.
Borges, Lima e Brito (2017)	Processo acumulativo de construção social, marcado pela subjetividade de quem empreende.
Empreendedor	
Macedo e Boava (2008)	Pela perspectiva da realidade como construção social, o empreendedor é uma pessoa que vê o processo de criação como uma parte dominante em sua realidade diária.
	Pela perspectiva da realidade como manifestação da intencionalidade humana, o empreendedor é uma pessoa que vê sua existência como resultado de suas próprias expectativas e potencial.
Borges, Lima e Brito (2017)	Aquele que realiza o processo de empreender a partir de suas construções sociais e subjetividade.

Fonte: elaborado pelos autores a partir de Filion (1993), Filion e Lima (2010), Boava e Macedo (2006, 2009, 2011), Macedo e Boava (2008) e Borges, Lima e Brito (2017).

Nesse momento, cabe retomar a reflexão acerca da seguinte questão: o que é o empreendedorismo? Para Boava e Macedo (2006), a essência do empreendedorismo reside na liberdade, na potencialidade do indivíduo em agir de forma autônoma, buscando seus objetivos e que, vivendo de outra forma, estaria imbuído da angústia em não se realizar livremente. Os autores consideram empreendedor o executor de uma ação que rompe o que lhe proporcionava segurança e estabilidade, libertando-se em prol de transformar sua potencialidade em realidade. Para Boava e Macedo (2011), o que faz o empreendedor agir é a liberdade para superar a angústia, sendo a liberdade a essência e maior valor do empreendedorismo, devido ao fato que esse valor representa um Dever Ser, em que o homem escolhe ser livre, já que o homem é um ser-para-empreender.

Nessa perspectiva o empreendedorismo constitui-se como uma promessa e uma reflexividade. É a promessa de um indivíduo emancipado, livre do determinismo, dos condicionantes externos que o impedem de ser o mentor de sua própria existência. Uma promessa que se inicia com uma inovação, ou seja, começa com a superação de um determinado estado. Para que isso aconteça, é preciso comprometimento e reflexão. Um comprometimento que gera uma angústia em função da tomada de consciência sobre as incertezas pelo qual o indivíduo está sujeitado. A superação dessas incertezas é seu maior valor, a liberdade. O indivíduo, nesse momento, passa de uma condição de potencialidade para a de realização, para o empreender de uma promessa (BOAVA; MACEDO, 2006, 2009, 2011; MACEDO; BOAVA, 2008). De acordo com esses autores, é como se o indivíduo emancipado para empreender, fosse também o indivíduo que é livre para ser livre. Para Arendt (2018), liberdade para ser livre é iniciar algo novo, fazendo justiça ao fato de que cada um de nós veio ao mundo como um recém-chegado ao nascer, assim “podemos iniciar alguma coisa porque somos inícios e, portanto, iniciantes”.

Segundo Rocha-Silva e Ferreira (2011), quando se trabalha com o tema empreendedorismo, essa noção polissêmica do empreender é fundamental, pois existe a necessidade social que diz respeito a necessidade de sobrevivência biológica que é fundamental, mas não cabe ficar restritos a isso, pois o agir humano ativo está no ser livre. Enfim, entende-se o empreendedorismo como um processo tridimensional, que envolve a ação humana como força

motriz que impulsiona o empreendedor, o valor que é o horizonte almejado, e a finalidade que é o objetivo buscado.

Há na ação empreendedora também uma ação escolhida a partir de sua subjetividade, isso permite romper com a naturalização do vies economicista do tema, apontando para a competência reflexiva existente do ser que empreende. Mas não apenas isso: tal amálgama teórico, aqui apresentado, ajuda a flexibilizar a maneira como o empreendedorismo vem sendo abordado no Brasil e aponta para “padrões” de reflexividade. Dentro deste contexto, as contribuições teóricas auxiliam para uma melhor compreensão do lugar da reflexividade na reprodução e transformação do empreendedorismo brasileiro, entendendo-o como um campo polissêmico, mas que necessita de uma reflexão sobre a produção do conhecimento a partir de diferentes abordagens de pesquisa.

Diante deste contexto polissêmico do empreendedorismo, compreende-se que o agente empreendedor encontra-se situado em contexto caracterizado pelo constante relacionamento como o outro, sendo que suas ações não são fatos isolados, mas fatos inseridos em uma dinâmica. Por conta disto, as pesquisas nas ciências sociais aplicadas necessitam de metodologias intrínsecas da pesquisa social, a qual possa oferecer uma perspectiva analítico interpretativa nos estudos de empreendedorismo.

Para Gil e Silva (2015), a Ciência da Administração constituiu-se num momento em que o positivismo alcançava significativo prestígio. Assim, as respostas às questões ontológicas, epistemológicas, metodológicas e éticas relativas à nova disciplina foram sendo procuradas em obras que emprestavam fundamento àquela orientação. No entanto, hoje o campo de estudos do empreendedorismo necessita de abordagens que façam uso de técnicas de coleta de dados mais interpretativas, como a etnografia e a Teoria Fundamentada, buscando conhecer ou ao menos ampliar o conhecimento acerca da ação do empreendedor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa das considerações finais, é possível afirmar que discutir o empreendedorismo sob apenas parte de uma diversidade de pontos de vistas pode causar um reducionismo acerca da compreensão do fenômeno do empreendedorismo e do empreendedor. Nesse contexto, as pesquisas com perspectivas analíticas, com foco no empreendedor, e a partir de uma abordagem interpretativa, podem ser em um contraponto a esse reducionismo econômico.

O presente trabalho consistiu em promover uma discussão polissêmica, como contraponto ao reducionismo econômico, tendo como base o campo da Administração. Para atender a esse propósito foram apresentadas diferentes compreensões de empreendedorismo presentes no campo, como a visão econômica clássica pautada em Schumpeter; o empreendedorismo regional; Teoria Ator-Rede; as perspectivas interpretativista, performativa e construcionista social, que permitiram reconhecer o domínio do empreendedorismo como polissêmico em construção.

Em se tratando dos trabalhos acerca do empreendedorismo analisados, estes apresentaram primeiramente um metamodelo que concebe o pensar, dotando o empreendedor de um esquema de aprendizado capaz de lhe dar uma estrutura de referência e o auxilie a melhor articular seu desenvolvimento. Apresentaram ainda lacunas quanto aos problemas associados ao desenvolvimento de metamodelos, quanto às diferenças de cada país, de cada sociedade, de cada indivíduo.

Adicionalmente, a análise identificou a abordagem do processo empreendedor, que enfatiza a interação entre aquele que empreende e o empreendedorismo em si, e caracteriza-se como

relacional e intersubjetiva, explorando o “conceito de si”, do “espaço de si” e o espaço do “outro”. Porém, essa visão ainda apresenta certo viés economicista, inerente à abordagem econômica.

Ao utilizar as categorias indivíduo empreendedor e o fenômeno do empreendedorismo, buscou-se esclarecer a verdadeira essência do empreendedorismo, expressa na manifestação da liberdade individual do sujeito, bem como o empreendedorismo enquanto processo tridimensional entre ação, valor e finalidade. Essa tridimensionalidade apresenta a promessa de um indivíduo emancipado, livre do determinismo, dos condicionantes externos que o impedem de ser o mentor de sua própria existência.

Após a explanação do caráter polissêmico presente no campo do empreendedorismo, é fundamental compreender quais as implicações do desenvolvimento do que é o empreendedorismo para o campo prático e acadêmico. Visando superar a limitação atual encontrada em trabalhos como os de Ferreira *et al.* (2014) e de Borba *et al.* (2011). Nesse sentido, é preciso ter em mente a urgência de contrapor o reducionismo econômico que sustenta os conceitos envolvidos nos discursos disseminados nas empresas e cursos de pós-graduação/graduação do tipo *management*.

Limitações dessa natureza, naturalizando o predomínio de pesquisas que desconsideram análises sociais e críticas, despertam, de acordo com Rocha-Silva e Ferreira (2011), preocupações com a consciência e limitações socioeconômicas de emancipação de pesquisadores e docentes. No momento em que compreendemos que o tema empreendedorismo não se refere unicamente às inclinações economicistas, mas, também, à polifonia e aos variados conceitos construídos a partir de diferentes bases epistemológicas, o conhecimento pode e deve ser revelado no sentido de emancipar o indivíduo, tanto em uma esfera pessoal quanto profissional.

E nessa perspectiva de se pensar o empreendedorismo, apenas o ferramental técnico-científico não é suficiente para formar empreendedores, fazendo-se necessário conjugar esforços com uma educação filosófica, para fazer com que o indivíduo tome consciência de sua condição de criador de sentido no mundo. Retomando Rocha-Silva e Ferreira (2011), o desafio no ensino do empreendedorismo é o desafio de uma educação integral do ser humano para a prática da liberdade, onde busca-se romper a ideia do *homo-economicus* para uma compreensão plural de empreender no espaço vivido, a partir de uma razão substantiva e criadora.

Após a análise dos trabalhos acerca do empreendedorismo e da identificação das perspectivas que embasam os conceitos de empreendedorismo dos seus autores, é possível verificar a pluralidade de temas e enfoques que envolvem os estudos no assunto, bem como concluir que falar de empreendedorismo apenas sob as lentes de uma das perspectivas torna-se inconsistente, reducionista.

A pesquisa permite inferir que é preciso transpor as pesquisas do empreendedorismo, partindo de abordagens positivistas para abordagem interpretativistas, no qual pode permitir conhecer o empreendedor em uma perspectiva filosófica de sujeito livre, multidimensional, que cria e transforma sua realidade. Constatou-se que a epistemologia do empreendedorismo vem sendo construída por economistas e comportamentalistas, ambos, orientados por um paradigma positivista, ou seja, de cunho explicativo e não interpretativo. Por isso, as pesquisas compreensivas ainda são poucos desenvolvidas nesse ramo de saber. Nesse sentido, é preciso observar o fenômeno em sua multiplicidade, buscando compreender o sentido abrangente do ser que empreende.

Recomenda-se, aos pesquisadores que pretendem debruçar-se sobre o assunto, que os mesmos considerarem toda gama de pontos de vista, a fim de tratar o empreendedorismo como

multidisciplinar, transdisciplinar e polissêmico. Além disso, não se poderia considerar que periódicos internacionais em língua inglesa, analisados isoladamente, retratem a realidade de todos os estudos sobre o tema em todos os países. Com isso, verificamos que, embora a perspectiva capitalista/economicista seja dominante (ideologia positivista) deve-se sempre lembrar que se trata de um campo de conhecimento ampliado e polissêmico, e que se encontra em processo, necessitando de uma perspectiva mais filosófica.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, H. **Liberdade para ser livre**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2018.
- BARON, R. A.; SHANE, S. A. **Empreendedorismo**: uma visão do processo. São Paulo: Cengage Learning, 2007.
- BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F. Estudo sobre a essência do empreendedorismo. XXX ENANPAD, Salvador, 2006. **Anais...** Salvador: ANPAD, 2006.
- _____. Esboço para uma teoria tridimensional do empreendedorismo. In: ENANPAD, 33., São Paulo, 2009. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2009.
- _____. Empreendedorismo explicitado à maneira dos filósofos. ENCONTROS DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIA, 5., Porto Alegre, 2011. **Anais...** Porto Alegre: ANPAD, 2011.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. WMF Martins Fontes, 2009.
- BORBA, M. L. et al. A produção científica em empreendedorismo: análise do *Academy Of Management Meeting*: 1954-2005. **RAM - Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 169-206, mar./abr. 2011.
- BORGES, A. F et al. Contribuições do diálogo entre o realismo crítico e o construcionismo social para os estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro. V. 14, n. 2, p. 391-405, jun. 2016.
- BORGES, A. F.; LIMA, J. B; BRITO, M. J. Fundamentos da Pesquisa em Empreendedorismo: aspectos conceituais, teóricos, ontológicos e epistemológicos. In: ENANPAD, 41., São Paulo, 2017. **Anais...** São Paulo, ANPAD, 2017.
- BORGES, A. F. **Empreendedorismo como prática**: um estudo em organizações produtoras de cachaça artesanal. 2017. 178 p. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2017.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London and Exeter, NH: Heinemann, 1979.
- BUSENITZ, L. W. et al. Entrepreneurship research in emergence: past trends and future directions. **Journal of Management**, v. 29, n. 3, p. 285-308, 2003.

DOWNING, S. The social construction of entrepreneurship: Narrative and dramatic processes in the coproduction of organizations and identities. **Entrepreneurship theory and Practice**, v. 29, n. 2, p. 185-204, 2005.

FERREIRA, M. P. et al. Pesquisa em empreendedorismo no principal periódico internacional: um estudo bibliométrico das publicações no *Journal Of Business Venturing* entre 1987 e 2010. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 1, p. 56-83, 2014.

FERREIRA, M. N. P.; PINTO, C. F.; MIRANDA, R. M. Três décadas de pesquisa em empreendedorismo: uma revisão dos principais periódicos internacionais em empreendedorismo. **REAd**, edição 81, n. 2, mai/ago, p. 406-436, 2015.

FILION, L. J. Visão e relações: elementos para um metamodelo empreendedor. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n. 6, p. 50-61, nov./dez. 1993.

FILION, L. J; LIMA, E. As representações empreendedoras: importantes temas para avançar em seu estudo. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 15, n. 2, p. 32-52, abr./jun. 2010.

FLETCHER, D. E. Entrepreneurial processes and the social construction of opportunity. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 18, n. 5, p. 421-440, 2006.

GARUD, R.; GEHMAN, J.; GIULIANI, A. P. Why not take a performative approach to entrepreneurship? **Journal of Business Venturing Insights**, v. 9, p. 60-64, 2018.

GIL, A. C.; SILVA, S. P. M. O método fenomenológico na pesquisa em empreendedorismo no Brasil. **Revista de Ciências da Administração**, v. 17, n. 41, p. 99-113, abr. 2015.

GODOY, A. S. Introdução à Pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p.57-63, mar/abr., 1995.

JULIEN, P. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2010.

LARA, A. M. B. ; MOLINA, A. A.. Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: Cèzar de Alencar Arnaut de Toledo; Maria Teresa Claro Gonzaga. (Org.). **Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas**. Maringá: Eduem, 2011, v. 01, p. 121-172.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálysis**, Florianópolis , v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007 .

MACEDO, F. M. F ; BOAVA, D. L. T. Dimensões epistemológicas da pesquisa em empreendedorismo. In: ENANPAD, 32.. Rio de Janeiro, 2008. **Anais...** Rio de Janeiro, ANPAD, 2008.

MACHADO, H. P. V. et al. Empreendedorismo e oportunidades. In: _____. **Empreendedorismo, oportunidades e cultura: seleção de casos no contexto brasileiro**. Maringá: Eduem, 2013.

PACKARD, Mark D. Where did interpretivism go in the theory of entrepreneurship?. **Journal of Business Venturing**, v. 32, n. 5, p. 536-549, 2017.

RAMOS, A. G. **Administração e contexto brasileiro**: esboço de uma teoria geral da administração. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

ROCHA-SILVA, C.; FERREIRA, M. R. Educação e desenvolvimento na formação do empreendedor: uma experiência pedagógica na Universidade Federal do Paraná (Setor Litoral). In: DENARDIN, V.F; ABRAHÃO,C.M.S; QUADROS, D.A. (Org.). **Litoral do Paraná**: Reflexões e Interações. 1ed.Matinhos: UFPR Litoral, 2011, v. 01, p. 199-227.

SARASVATHY, S. D. **Effectuation elements of entrepreneurial expertise**. Great Britain: Edward Elgar Publishing, 2008.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Tradução de Maria Sílvia Possas. São Paulo: Abril Cultural, 1997. (Trabalho original publicado em 1934).

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy Management Review**, New York, v. 25, p. 217-226, 2000.

TONELLI, D. F.; BRITO, M. J.; ZAMBALDE, A. L. Empreendedorismo na ótica da teoria ator-rede: explorando alternativa às perspectivas subjetivista e objetivista. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. Ed. Especial, art. 7, p. 586-603, 2011.